

MALAN E A RARA CAPACIDADE DE SOBREVIVER

A cada dia a figura do ministro Pedro Sampaio Malan se assemelha mais àquela do rei no jogo de xadrez: é a peça mais importante do tabuleiro, a última a cair, mas a com menor capacidade de fuga e a que todos querem derrubar.

Malan está ameaçado e sabe disso. Os alicerces que o firmavam à poltrona do gabinete no sexto andar do Ministério da Fazenda ruíram. Foram duas implosões quase simultâneas

que acabaram por afetar seu patrimônio: a credibilidade e a capacidade de transmitir uma mensagem otimista de que o país era imune às crises.

Pela ordem, as explosões foram a saída do então presidente do Banco Central Gustavo Franco e a liberação do câmbio (que antes guardava uma relação fixa entre o real e o dólar).

Sem ser uma sumidade na área econômica, Malan apoiava-se nas crenças do câmbio fixo de Franco como instrumento importante na manutenção da estabilidade da moeda.

Malan sabe que sua posição é delicada. É de sua autoria um artigo que circulou entre os economistas nos anos 70 intitulado Síndrome do homem providencial, que mostra como

o brasileiro está sempre à espera de um salvador da economia da pátria.

O alvo do libelo do jovem Malan era o então ministro da Fazenda Delfim Netto, pai do Milagre Econômico do regime militar. "Gostaria que o Brasil fosse um país onde o ministro da Fazenda não fosse notícia", costuma dizer Malan.

Nesses quase cinco anos sem inflação, o brasileiro acostumou-se a enxergar nele um dos avalistas do Plano Real. Desde Mario Henrique Simonsen — ministro da Fazenda de Geisel —, nenhum outro conseguira permanecer na pasta durante toda a extensão de um mandato presidencial.

A mudança no câmbio é mais do que uma firula econômica que um

bom burocrata absorveria sem constrangimentos. Para Malan, mexer no câmbio é como quebrar a espinha dorsal de suas convicções.

A indicação de Armínio Fraga para a presidência do BC, espécie de embaixador do mercado no governo, subtrai de Malan qualquer poder de ingerência sobre os rumos do câmbio.

Sua capacidade de locomoção, de execução de um programa econômico, ficou ainda mais reduzida. Ele, que nunca fora visto como o formulador do real, o gênio por detrás da mágica que pôs fim à inflação (pódio de André Lara Resende), era, pelo menos, o homem ao leme, seu principal piloto. Não o é mais.

É pior. A política econômica que

executa passa a ser monitorada muito de perto pelo FMI. Embora seja amigo de freqüentar a casa do ministro, o economista Stanley Fischer, vice-diretor do Fundo, sempre foi favorável ao câmbio livre e a uma certa desvalorização do real.

A munição para enfrentar a crise já não era mais buscada no arsenal de Malan desde que a crise irrompeu. Nos últimos dias, o presidente trocou idéias com alguns economistas que estudam medidas de emergência para frear a especulação e reconquistar a credibilidade do governo. Malan era apenas um titular moral do grupo.

A situação não quer dizer que o ministro esteja em xeque, perto de ser derrubado. Malan é uma criatu-

ra notável pela capacidade de sobrevivência, como poucos em Brasília.

Ele passou intacto pela crise cambial mexicana, em dezembro de 1994; pela intervenção no banco Econômico, em agosto, e no Nacional, em novembro de 1995, seguida da criação do Proer; e, é claro, a crise asiática, em outubro do ano passado.

Ele pode sobreviver. Pode também, como se diz no xadrez, rocar. Ou seja: peças são trocadas sem que elas saiam do tabuleiro. No caso, a saída cogitada seria um cargo de embaixador para o ministro identificado com a agora chamada primeira fase do real, uma idéia que já passou pela cabeça de Fernando Henrique no passado.